

3 O USO EXCESSIVO DA TECNOLOGIA E A DESCONSTRUÇÃO DO EU.

*Gazy Andraus¹
Maria Regina Cerávolo²*

Atualmente existem muitas discussões sobre o excessivo uso da tecnologia por jovens e crianças, provocando uma solidão em meio à multidão. O que percebemos é que estamos cada vez mais sozinhos e a única forma de nos sentirmos aceitos é participando das redes sociais e recebendo o tempo todo, mensagens, fotos e notícias, de tudo e de todos. Há uma capilarização do eu na comunicação, porém, uma ausência de mim, em mim mesmo. Nunca se conseguiu tamanha facilidade em se relacionar virtualmente com as pessoas, entretanto, há uma dificuldade em entender e aceitar o outro. Todas as vezes que o outro não corresponde ao que quero, clico e mudo a página... Será que consigo mudar as pessoas? Estamos sozinhos; não conseguimos ser ouvidos, entendidos, apenas observados e comentados. Há uma grande dificuldade em se formular respostas mais coerentes e pensamentos mais estruturados. Tudo é rápido, sem pensar e automático. Começamos a ter dificuldade em nos aprofundar em qualquer assunto, pois as interferências não nos permitem elaborar e buscar nossas próprias soluções.

A tecnologia é muito boa, quando nós a utilizamos e não quando somos utilizados por ela. Nada mais é apreciado, tudo nos é vindo por via eletrônica e por canais antes não conhecidos. Preocupa-nos a sobreposição da realidade virtual sobre a realidade real confundindo os jovens e tirando-lhes a capacidade de definir seu próprio caminho. Com o avanço da tecnologia poderemos ter a esperança de uma virada epistemológica, onde o conhecimento deverá atingir outro patamar, mas isto ainda não aconteceu. Estamos no estágio inicial de digerir a descoberta da imprensa, do jornalismo, da TV e do rádio e das redes sociais, que nos mostram os acontecimentos em tempo real e nos permitem opinar sobre eles, também em tempo real. Tudo nos é dado; nada se procura e a criatividade fica em segundo plano. Não somos mais brilhantes do que éramos a trinta anos, apenas mais ocupados e mais ansiosos por notícias. A vida se resume em responder e participar daquilo que nos vem; dificilmente queremos ficar conosco e com nossos pensamentos e construir um pensamento reflexivo.

Na educação essa postura torna-se um problema, que vem sendo alertado para os professores e os pais, pois, o autoconhecimento está sendo banido da

¹ **Gazy Andraus.** Professor na graduação da FIG-UNIMESP; membro dos Grupos de Pesquisa Observatório de HQ (USP), Interculturalidade e Poéticas da Fronteira (UFU), INTERESPE (PUC) e Criação e Ciberarte (UFG). Licenciado em Artes (FAAP), mestrado em Artes Visuais (UNESP) e doutorado em Ciências da Comunicação (USP). E-mail: vzagandraus@gmail.com

² **Maria Regina Cerávolo,** Mestra em Comunicação e Semiótica, PUC SP; Arte-Educadora, FAAP SP. E-mail: mrцераволо@uol.com.br

vida e com isto perdemos o contato conosco e nos tornamos sem consciência de nós mesmos.

Em uma reportagem recente do Dr. Cristiano Nabuco, Psicólogo e Coordenador do Grupo de Dependências Tecnológicas do Instituto de Psiquiatria da HC, Hospital das Clínicas de São Paulo, comenta e adverte sobre o uso de celulares e *smartphones* para crianças, pois nos primeiros anos de vida é necessário que se estimule a descoberta do mundo e do seu eu, frente a este mundo:

O que a gente recomenda é que nunca, nunca, jamais a gente deveria permitir o contato de uma criança com qualquer tipo de tecnologia antes dos 2 ou 3 anos de idade. Porque existem operações mentais que precisam naturalmente serem feitas e o grau de estimulação de um tablet desrespeita essa 'ecologia', essa natureza de desencadeamento da lógica. (NABUCO, CRISTIANO, 2016)

A raiz deste pensamento está em Jung, que devotou uma vida a procura de elucidar a complexa formação psíquica do homem: sua consciência, sua alma e seu relacionamento com a alma do mundo. Para ele a educação nada mais é do que um processo permanente de adaptação e de transformação do mundo, de autoconhecimento e de conhecimento do outro. Se entendermos a educação como o processo de autoconstrução da humanidade no sujeito, tanto em sua dimensão individual quanto social, encontraremos na teoria junguiana elementos para compreender melhor esse processo. Podemos identificar no conceito de educação certa semelhança com o processo de individuação, conceito central de sua teoria.

Processo de autoconhecimento, que é um processo de autoconstrução da humanidade, de 'transformação de alma' e o valor que atribui ao *homo symbolicus*, e aos processos de simbolização, que permitem ao ser humano assumir sua humanidade, tomar consciência da condição própria aos seres vivos, ou seja, de seu destino mortal. A educação é o permanente processo de adaptação e de transformação do mundo. Processo de autoconhecimento e de conhecimento do outro, que vem garantindo nossa evolução e permanência no mundo, gerando cultura e civilização. O conflito entre pensamento e sentimento, entre racional e irracional se intensificou de tal forma que os objetivos humanísticos da escola foram superados pela pretensão de se formar seres humanos capazes de dominar cada a vez mais da sua humanidade, produzindo homens pela metade, personalidades fragmentadas que buscam desesperadamente no coletivo – na religião, na moda, nas drogas, no culto ao corpo – algo que os complete. A busca pela essência torna-se algo efêmero, tornando a alma ocidental, voltada para fora, longe do verdadeiro ser. Segundo Jung (1964, p.94), em *O Homem e seus símbolos*, o homem contemporâneo perde a conexão com seu interior, com sua essência e

não consegue perceber que, apesar de toda sua racionalização e toda sua eficiência, continua possuído por 'forças' além do seu controle. Seus deuses e demônios absolutamente não desapareceram; têm apenas novos nomes.

Educar para Jung é um processo relacional, em que não é a ciência ou a técnica que contam, mas a personalidade do educador, pois o que está em jogo é a formação da consciência e da personalidade do educando. A verdadeira educação psíquica só pode ser transmitida pela personalidade do professor, pois o que conta não é o que o educador ensina mediante palavras, mas aquilo que ele verdadeiramente é. Será possível, à luz da teoria junguiana, imaginarmos uma educação que estimule as funções desvalorizadas na escola, como imaginação, sensibilidade, fantasia, funções por meio das quais o homem possa restabelecer a conexão com sua alma, com sua essência profunda e se construir novamente?

A (des-) educação e os excessos.

Se por um lado tais gerações atuais são multi-modais em suas realizações e reflexões mentais, por outro, também podem não se aprofundar e conseqüentemente torna-se superficialmente não-lineares apenas. O uso da tecnologia não deveria ser um problema, visto que é extensão do homem, mas graças a ela a juventude atual (e humanidade) está cada vez mais dispersiva, embora receptiva de grande carga de informação.

Porém, a falta de formação dos jovens atuais (gerações “y” nascidas junto de um desenvolvimento tecnológico, e gerações “z”, nascidas a partir de 1993 convivendo com a não linearidade de informação) culmina num desenfreio e desorganizado frenesi na cata e uso de dados. Ou seja, o problema, em se usar desmesuradamente a tecnologia não linear atualmente disponível principalmente na *Internet*, sem uma pré-educação ou sem uma boa formação, pode levar a um *status* em que a informação sem a formação é prejudicial. A juventude hodierna, composta em sua maioria das gerações citadas (“y” e “z”) tem uma mente aguçada e não linear, que exponencia sua inteligência. Mas ao mesmo tempo, se não tem bases éticas e morais introjetadas, acaba por usar de forma desequilibrada a informação, sem objetivos lúcidos, pois que têm dados por todos os lados, mas sem uma base, culminando numa fragmentada utilização de tudo de forma prejudicialmente potencial a si mesmos e aos próximos. Um exemplo básico é o cinema: vão a ele ligando celulares, conversando, fazendo barulhos, não conseguem entender que a sala de cinema é um espaço comunitário e que o objetivo lá é focar a atenção na tela e respeitar a atenção do outro, sem prejudicá-lo, mergulhando num universo onírico que nos faz entreter e/ou imaginar e/ou transcender (a depender da película e seu contexto, claro). O cinema é tecnologia também, pois o som e a imagem nas salas atuais são mais desenvolvidos, embora por outro lado, os jovens usem a tecnologia pessoal equivocadamente em horários desregrados, como neste exemplo, pulverizando a informação e não focando na película. É preciso, antes de qualquer coisa, uma formação subjacente primordial de respeito à vida, ao humano, aos animais, à natureza e um respeito que se foi perdendo para a artificialidade e essa superficialidade crescente. Nesse tocante é que a tecnologia lhes faz mal, e muito! Mas não é a tecnologia, é seu mau uso e mau valor atribuído, como o principal, e não o mecanismo que traz auxílio. Quase como o pensamento oriental de que o "dedo que aponta aos

céus mostrando 'Deus' não é o caminho a Deus, e sim, um dado que ajuda a mostrá-lo"...

Para tanto, aconselho uma educação em que haja o uso de elementos da arte que possam interessar aos jovens como as HQs (ou *fanzines*) e muitas estão na *Internet*. Para tal, exemplifico com essa História em Quadrinhos que elaborei anos atrás (Fig. 1), como ponto de partida de instigação e reflexão, em que os professores podem pedir ao alunado que elaborem expressões que reflitam essas questões do uso da tecnologia, mas tudo preponderado pelo momento e vivência dos alunos, tal qual asseverava Freire (1980) e mesmo Andraus e Santos Neto (2010), com relação aos Biograficzines (revistas independentes elaboradas pelo próprio aluno para se autoconhecer).



Fig. 1 - arte de Andraus em forma de HQ que critica de maneira humorada a tecnologia atual e a exacerbação no uso dela (Fonte do autor).

Dessa maneira, ainda que tais jovens sejam inteligentes, ágeis e de mente não-linear, isso não prescinde da necessidade de um senso ético e moral, de momentos de calma mental, pois do contrário, a vida a esses jovens se configura apenas por ações sem deliberações e sem pesar consequências, transfigurando seu eu pessoal.

Afinal,

Nosso cérebro sofre um processo de amadurecimento que só é finalizado após a maioridade, aos 21 anos. A região do córtex pré-frontal é a última área a ser finalizada, e o córtex é responsável pelo nosso raciocínio lógico e também pelo controle dos impulsos, é nosso freio comportamental. Eu sou adulto e sei, pela minha experiência, que não posso misturar caipirinha e vinho, sei que não dá para misturar bebida fermentada e destilada, eu consigo frear minha ação. No caso dos jovens, embora eles tenham acesso ao conhecimento, não conseguem diminuir o apelo do comportamento. Por isso essas questões ligadas ao impulso são muito importantes, as pessoas têm de ficar atentas para que a vulnerabilidade cognitiva do cérebro não crie problemas de adicção. (NABUCO, 2016)

As expressões de arte e o desenvolvimento intelectual com foco e auxílio (do educador) podem auxiliar desviando a possibilidade de viciarem-se, como apontou o médico, tornando a recoligar o eu interior junguiano dos jovens.

Outra modalidade possível, que utilizamos aqui também como uma reflexão adicional, são as poesias, como a de Espírito Santo (2016), a seguir, a título de conclusão:

O Caminho do Crer ao Saber...

Saber é sentir o mais dentro
 É 'acordar' a criança eterna que 'adormeceu' com a adolescência
 Acreditar é olhar nossa imagem, narcisicamente-
 Com o olhar adolescente, competitivo...
 Saber é olhar com a alma
 Que 'despertou'...
 Acreditar é não olhar...
 É ter olhos e não ver.
 Saber é perceber com o espírito
 É iniciar a jornada, na eternidade do Agora...
 Acreditar é perceber com os sentidos
 Buscando 'segurança'...
 Saber é a mudança quântica, que promove o amor
 A infinda conexão com a Vida...
 Acreditar é permanecer com o poder
 Recluso no 'ego'...
 Saber é caminhar para a transcendência...
 Descobrir o 'kairós'...
 Acreditar é ver-se como número... Mais um...
 O 'perder-se' na multidão...
 O Saber torna consciente a espiritualidade...
 Que se 'encontrava' no inconsciente...
 Acreditar mantém o egoísmo
 Deixando a Luz sob o 'alqueire'...
 Saber é estar com o Criador...
 É viver a Imagem e Semelhança 'anunciada'...
 Acreditar é estar com as próprias crenças

'Engatinhando' na adolescência da vida...
 O Saber liberta
 E percebemos, então, que só a Verdade nos confere a liberdade...
 Acreditar mantém preso o espírito a conceitos e preconceitos
 É aquilo que chamamos de 'sofrimento'... Infelicidade...
 Saber é encontrar a felicidade
 E a Alegria, seu fruto primeiro...
 Acreditar é se manter no sofrimento
 Vendo-se como eterna vítima...
 Saber é perceber além do olhar
 É encontrar o sentido profundo da existência...
 Acreditar é enxergar com os olhos
 Sem nada 'Ver'...
 Saber, como Jesus o fez
 É ressuscitar após a crucificação...
 A profunda sabedoria que todos nós precisamos 'aprender'...
 E comemorar...
 Até Sempre! Ruy³

REFERÊNCIAS.

ANDRAUS, Gazy. A independente escrita-imagética caótico-organizacional dos *fanzines*: para uma leitura/feitura autoral criativa e pluriforme. no **Caderno de Atividades e resumos do 17º. COLE – Congresso de Leitura do Brasil na Seção Escritas, imagens e criação: Diferir 8, p. 152.** ISSN: 21750939. Campinas: Unicamp/FE; ALB, 2009. http://www.cole.educacao.ws/resumos_det.php?resumo=1855

ANDRAUS, Gazy; SANTOS NETO, Elydio dos. Dos Zines aos BiograficZines: compartilhar narrativas de vida e formação com imagens, criatividade e autoria. In MUNIZ, Cellina (org.). **FANZINES – Autoria, subjetividade e invenção de si.** Fortaleza/CE: Editora UFC, 2010.

ESPÍRITO SANTO, Ruy Cezar do. **O Renascimento do sagrado na Educação.** Campinas, SP: Papyrus, 1988.

ESPÍRITO SANTO, Ruy Cezar do. **Beleza, Alegria e Amor.** Curitiba: Moura S A, 2016.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação.** Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos.** Trad. Maria Lúcia Pinho, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964.

³ Ruy Cezar do Espírito Santo: Editor Científico da Revista Interesse. **Contato:** ruycezar@terra.com.br

NABUCO, Cristian. Estamos criando uma geração de alienados, afirma psicólogo do HC. **Estadão**. 13/09/2016. **Vida & Estilo**. Entrevista concedida a Rita Lisauskas. <<http://vida-estilo.estadao.com.br/blogs/ser-mae/estamos-criando-uma-geracao-de-alienados-afirma-psicologo-do-hc/Acesso> em 17/10/2016.

SILVEIRA, Nise da. **Jung Vida e Obra**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1994.

VON FRANZ, Marie-Louise, **C. G. Jung: seu mito em nossa época**, Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1975.